

Saint-Paul de Vence, com as suas flôres que lembram uma tela de Monet, é uma das cidades francesas mais ligadas à pintura. É lá que Chagal mora e foi ali que o célebre *marchand de tableaux* e pigmalião dos jovens artistas plásticos de Paris, Maeght, resolveu realizar, há duas semanas, a sua exposição *Arte Viva 1965-1968*. O que se entende por arte viva? Até 1960, ela era representada pela arte abstrata. Depois, as teorias mudaram. E o que se viu nessa mostra, surpreendentemente diversificada, foram cartazes luminosos, esculturas monumentais, frias e geométricas. Essas obras, concebidas para um quadro arquitetural determinado, não têm sentido quando isoladas do seu contexto. Isso basta para o temperamento estético de Maeght. A essa corrente monumental e metálica vieram juntar-se certos pintores simples como Kelly e Frank Stella. A reação à abstração é uma atitude atual e se apresenta sob os mais variados aspectos. Alguns ainda não se esqueceram do surrealismo e permanecem presos ao desenho. Outros interpretam as lutas no Vietnã e em Cuba. Nessa babel de tendências e estilos, os mármore do brasileiro Sérgio Camargo (extrema esquerda), a *Naná* de Niki (à esquerda), a escultura de Duarte (embaixo, à esquerda) e a grade do venezuelano Soto (embaixo, à direita) foram as peças que mais impressionaram o mecenas Maeght, visto à direita, detrás de uma escultura visual e tátil de Soto, o mais esotérico.

A ARTE DOS OBJ MORT

Reportagem GAMMA



Instituto de arte contemporânea

